

LITERATURA E EDUCAÇÃO MORALIZANTE DO SÉCULO XIX: UM ESTUDO DO MODELO (NÃO) PADRÃO DA ROTAGONISTA DAISY MILLER DE HENRY JAMES (1878) E SEUS DESDOBRAMENTOS CULTURAIS

Antonio de Oliveira Pinto Junior¹

Resumo: A pesquisa bibliográfica a ser desenvolvida neste estudo se propõe a analisar o espectro de vida imposto pela sociedade vitoriana do século XIX que teve como principal tropo o caráter educativo instrumentalizado e amplamente difundido através do romance — mais especificamente o romance de formação; para tanto, será analisada, de forma circunscrita, a construção da personagem Daisy Miller da novela homônima de Henry James (1878). Watt (2010) apresenta um panorama quantitativo da distribuição de exemplares de romances neste intervalo de tempo (início e fim do século XIX) e é possível perceber o claro direcionamento dos romances às mulheres — num primeiro momento às de classe alta e posteriormente às demais. Assim sendo, é possível vislumbrar o amálgama educativo que se inseria na sociedade através deste tipo de literatura, tendo como intento este público que precisava ser domesticado após o enfraquecimento da influência da religião. Eagleton em seus estudos sobre a ascensão do inglês (2006) fornece o suporte para a produção deste artigo; contudo, posteriormente serão incorporados estudos de Williams (1977) a fim de se perceber os desdobramentos entre o modelo social burguês imposto e os estudos culturais que emergem através da falência deste molde que já não satisfazia as massas. Assim, esta análise não tenciona esgotar o tema investigado, mas contribuir para reflexões e vieses para outras questões pertinentes.

Palavras-Chave: Daisy Miller. Vitoriana. Romance de formação. Henry James. Estudos Culturais.

¹ Mestrando em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia e especialista em Metodologia do ensino de Língua Inglesa. E-mail: juniorfrn2013@gmail.com.

REFLEXÕES INICIAIS

O período vitoriano (1837-1901) pode ser notado como uma das eras mais ricas (em termos culturais) e importantes da história da Europa, marcando a Grã Bretanha, particularmente a Inglaterra, como grande potência econômica e industrial. O apogeu britânico não se limitou a estes contextos, mas impactou diretamente na configuração literária do período, sendo evidenciado pelas crescentes mimetizações da mulher nas publicações deste ciclo (SANTOS, 2019). Suas implicações sociais foram irreversíveis tanto no sentido industrial quanto no sentido artístico-literário. As mulheres aristocratas e da crescente burguesia, sobretudo, passam a exercer papel importante na literatura deste período. Na ficção romântica, refletiam o modelo patriarcal a ser seguido, sendo muitas vezes caracterizadas como personagens frágeis, incapazes de pensar, submissas e angelicais (STEVENS, 2002).

O caráter didático e propagandístico do romance dos séculos XVIII e XIX é a chave para tais mimetizações da mulher. Neste sentido, Richardson (1689-1761) estabelece um modelo do feminino a ser seguido na ficção romântica; qualquer personagem feminina que se atrevesse a sair dos moldes pautados na moral do século XVIII não poderia ser vista com bons olhos — e isto se reflete na sociedade consumidora dos romances; mulheres burguesas e parte das mulheres pobres (WATT, 2010, p. 45). Vasconcelos (2002) assinala:

Viajantes consideravam [...] a sociedade inglesa do final do século anterior pouco refinada, descreviam Londres como uma cidade onde os homens se entregavam aos vícios e demonstravam um comportamento grosseiro e brutal e se espantavam com a reclusão e o abandono em que viviam as mulheres inglesas, cujas qualidades e possibilidades eram aniquiladas por suas condições de existência e pela vontade dos homens. A organização da vida social dividia os sexos, obrigava as mulheres a uma situação de dependência, as privava de educação e as condenava à

indiferença masculina e a um cotidiano aborrecido e vazio (VASCONCELOS, 2002, p. 104).

No conjunto, a configuração familiar do século XVIII ainda reproduzia o modelo patriarcal, em que o masculino amparava as estruturas sociais e atribui às mulheres construções e papéis específicos. As obras de Defoe (1660-1731) e Richardson, *Robinson Crusó* (1719) e *Pamela* (1740), respectivamente, sugerem exatamente isso. Watt (2010), em seus estudos acerca do romance inglês reflete sobre os autores sobreditos inferindo que “Eles próprios adotam uma posição tradicional com relação à autoridade do pai e à importância vital do grupo familiar como entidade moral e religiosa” (WATT, 2010, p. 151). É importante notar que muito embora Defoe e Richardson comecem a apresentar em suas obras personagens que queriam reafirmar seu *status* de liberdade, tal afirmação era muito difícil para suas heroínas. Isto porque a posição legal das mulheres na sociedade do século XVIII era nitidamente regida pelos costumes androcentristas do direito romano.

Os romances, capazes de enlaçar e talvez até corromper a tão versada “moral feminina”, ao mesmo tempo em que significavam um mecanismo didático, poderiam pôr à prova a castidade das suas leitoras. Isto porque, autoras como Jane Austen (1775-1817) e Gaskell (1810-1865) criticam as muito tradicionais negociações de casamento, empregando recursos estilísticos indiretos como a ironia e o sarcasmo (SANTOS, 2009). As críticas aos costumes sociais conditas nos romances dessas escritoras inglesas evidenciavam e atacavam a imposição da sociedade sobre a mulher dos séculos XVIII e XIX na tentativa de condicioná-las e confiná-las à “carreira” matrimonial.

A DAISY MILLER DE HENRY JAMES E SUA MORAL CONDENADA

Todos os elementos que estruturam e operam a narrativa de James têm como objetivo apontar o romance para o mais

próximo possível da realidade. Estes detalhes tendem a elevar o nível de possíveis leituras interpretativas de suas obras e desperta “uma imensa sensibilidade capaz, em um homem de gênio, de converter os próprios impulsos do ar em revelações” (GUALDA, 2011, p. 49 *apud* JAMES, 1884). Este comentário se faz necessário porque ao analisar a personagem Daisy Miller, nota-se em suas nuances traços parecidos com o que se vê nas mulheres de modo geral: muitas vezes incapazes de se narrar (como o caso da personagem), lutam contra a corrente para serem ouvidas da forma que podem e são, de modo geral, ignoradas ou mal interpretadas.

Na novela homônima à protagonista Daisy Miller, especificamente, são retratadas diferenças entre o Velho e o Novo Mundo (Europa e América do Norte, respectivamente). Neste caso, essas diferenças culturais interferiram de modo a determinar o destino e a construção moral da personagem. Estas diferenças regionais são cunhadas pelo próprio James que chama o fenômeno de “O complexo destino de ser americano”² (GUALDA, 2011, p. 39).

Muitas vezes mal interpretada e confundida com um alguém extravagante ou sem boa moral, o jeito de Daisy Miller, em certas ocasiões, confunde Winterbourne³, conforme elucidada a passagem a seguir:

A única coisa que eu não gosto — prosseguiu ela — é a sociedade [...] O pobre Winterbourne estava absorto e perplexo. Nunca ouvira uma moça se expressar dessa maneira antes; nunca — exceto nos casos em que falar tais coisas pudesse parecer prova convincente de certa lassidão de conduta [...] pareceu-lhe que ficara tanto tempo em Genebra que perdera algo; desabituará-se ao jeito americano (D.M. p. 159).

² The complex fate of being American.

³ Personagem utilizado pelo narrador em terceira pessoa como testemunha das ações da protagonista. Pretendente de Daisy Miller, Winterbourne é quem descreve a senhorita Miller ao leitor.

É interessante delinear que a narração deixa clara a perplexidade de Winterbourne com relação ao comportamento da protagonista. Para ele, um integrante da sociedade que prezava pela manutenção da norma, o linguajar de Miller era, no mínimo, curioso e desconfortável. Além do ostracismo evidente nas entrelinhas, Daisy Miller ainda teve de lidar com o *olhar masculino*⁴, isto é, o olhar do homem heterossexual sobre as atitudes, falas e comportamentos da mulher.

Winterbourne jamais aceitaria o comportamento de Daisy, pois sua criação e cultura ao qual estava mergulhado não permitiam uma mulher se expor de tal maneira. Era completamente inaceitável. Daisy, por sua vez, não pode concordar com a vida apática de Winterbourne, sua altivez não suportaria tal personalidade.

Como já aludido, as famílias respeitavam o modelo patriarcal de ser. As meninas eram ensinadas a obedecer ao seu pai e, mais tarde, deveriam servir incondicionalmente ao seu marido. Em sua obra *Gendered glances: the male gazes(s) in Victorian English literature* (2009), Sweeney assevera que, no século XIX, o padrão “mulher como objeto de dominação masculina” era a condição para a sua aceitação. Neste caso, as mulheres deveriam ser subservientes em todos os sentidos. Suas ações, inclusive, eram controladas pelo olhar masculino. Realidade mimetizada por diversos romancistas da Era Vitoriana (1837-1901), como George Eliot (1819-1880), Charlotte Brontë (1816-1855) e Henry James.

Em *Daisy Miller*, a todo o momento as diversas opiniões dos personagens se convergem para formar aquilo que seria a sintetização da moral da Srta. Miller. Fragmentos narrativos a todo o instante alteram a perspectiva do narrador; ao passo que se apodera de Winterbourne e sua posição privilegiada de

⁴ Male gaze.

testemunha dos fatos, preocupa-se em contar o que os demais personagens ultimam (*telling*) e mostra menos detalhes (*showing*) enunciados pela própria protagonista — suprimindo-a. Claramente alheia à sociedade vitoriana do século XIX, as várias vozes que confluem à narrativa e se concentram na emissão de Winterbourne, revelam a moralidade velada que é capaz de suprimir desejos e manipular os personagens de modo a retalhar e retalhar a protagonista.

O PRINCÍPIO FORMATIVO DO ROMANCE INGLÊS, SUAS “INTENÇÕES VELADAS” E O CARÁTER FORMATIVO: UMA BREVE ANÁLISE À LUZ DE EAGLETON E RAYMOND WILLIAMS

Raymond Williams se tornaria um dos principais estudiosos e criadores dos estudos culturais e despontaria como um nome significativo nesta esfera — a Nova Esquerda inglesa —, no período que se seguiu ao fim da Segunda Guerra Mundial. Ele elaborou estudos sobre literatura, teatro e televisão, sempre procurando compreender estes veículos tanto do ponto de vista da cultura erudita, quanto da cultura popular, sem deixar de lado a famosa indústria cultural⁵.

O caráter formador de sua origem operária é um dos diferenciais que marcam o pensamento de Williams, como fica claro no prefácio ao livro *Marxismo e Literatura*, em que lembra que os argumentos culturais e literários eram, na realidade, uma extensão da aplicação política e econômica do seu “crescimento numa família de classe operária”, ou uma forma de filiação dela (WILLIAMS, 1979, p. 8; SÁ, 2011).

⁵ Conceito 2 que emerge no final do século XIX e início do século XX por Theodor Adorno e Max Horkheimer, onde analisam os impactos desencadeados pelos avanços tecnológicos oportunizados pela revolução industrial (1760-1840) e o latente capitalismo no mundo das artes. Esta concepção alude à produção massiva-recorrente às indústrias – e passa a ser aplicada à arte.

Desde meados do século XX, os Estudos Culturais têm exercido grande fascínio entre os intelectuais de todos os continentes do planeta, constituindo-se num amplo movimento intelectual. Os Estudos Culturais britânicos têm sua origem em uma conjuntura teórica específica nos anos 1950, na qual o debate cultural estava num beco sem saída entre o não refinado determinismo britânico e o endêmico conservadorismo político e elitismo cultural do movimento liderado por Leavis, que, a partir da revista *Scrutiny*, criada em 1932, empreendeu uma cruzada moral e cultural contra o “embrutecimento” praticado pela mídia e pela publicidade (MILLNER, 1994, p. 45).

Eagleton assinala que Matthew Arnold usa a literatura para helenizar e cultivar a classe média. A aristocracia assume seu papel formativo da classe média (um papel pedagógico) oferecendo a essa classe seu melhor espólio (a cultura) (EAGLETON, 2006, p. 36); Sobre Matthew e seu projeto de educação da classe operária: não há nele nenhuma pretensão de que a educação da classe operária deva ser realizada principalmente em benefício dela mesma. Logo, PENSAR cultura nunca foi uma opção⁶.

A literatura habituará as massas ao pensamento e sentimento pluralistas, persuadindo-as a reconhecer que há outros pontos de vista além do seu — ou seja, *o dos seus senhores*. Transmitiria a elas a riqueza moral da civilização burguesa, a reverência pelas realizações da classe média e, como a leitura da obra literária é uma atividade essencialmente solitária, contemplativa, sufocaria nelas qualquer tendência subversiva de ação política coletiva.

⁶ Frank Raymond Leavis, discípulo de Arnold, privilegiava o método interpretativo literário denominado *close Reading*. Levava em consideração a forma analítica do texto através dos seus pormenores linguísticos, não levando em consideração outros operadores interpretativos.

A *Scrutiny* não era apenas uma revista, mas o centro de uma cruzada moral e cultural: seus partidários iam às escolas e Universidades travar batalhas, procurando alimentar, por meio do estudo da literatura, as reações ricas, complexas, maduras, seletivas, moralmente sérias (expressões muito ao gosto da *Scrutiny*) que permitiriam ao indivíduo sobreviver numa sociedade mecanizada de romances ordinários, trabalho alienado, anúncios banais e meios de comunicação de massa vulgarizadores. A única modificação que ela pretendia fazer era na educação; implantando-se nas instituições educativas, os membros do grupo esperavam desenvolver uma sensibilidade rica, orgânica, em pessoas selecionadas aqui e ali, que poderiam então transmitir essa sensibilidade a outros.

Tradição arnoldiana, a que segue postulados teóricos de Mathew Arnold, cuja obra principal é *culture and anarchy* na qual estabelece a agenda de debates estabelecida por Arnold e os seus seguidores (dentre eles Frank Raymond) vai permanecer em vigência no período de 1860 a 1950. O foco central deste posicionamento é uma visão elitista e discriminadora de cultura, expressão clássica do pensamento não igualitário à uma suposição elitista e hierárquica de “que existiria uma cultura verdadeira” e, oposta a ela, uma “outra cultura”, a do povo, das pessoas comuns (COSTA, 2002, p. 135).

Williams, então, contra a corrente e à frente da *New Age Magazine* se propunha a realizar uma ampla revisão dos fatos relativos à história cultural, tomando como palavra-chave o conceito de cultura na sua interligação com a vida social. Desse modo, o autor percebeu que não poderia restringir-se ao conceito de cultura, pois, na história da palavra, na estrutura de seus significados, o que ele via era “um movimento amplo e geral de ideias e sentimentos” surgidos durante a Revolução Industrial Inglesa.

Assim, o importante é não só analisar o conteúdo, mas também o emissor e o destinatário da mensagem cultural. Os textos fundadores de Williams abordam vinculações históricas com a luta social e cultural da classe operária, combatendo as concepções elitistas de educação e, principalmente, realçando a definição de uma “cultura comum”. Contudo, Williams prossegue: “houve por um tempo uma aceitação bastante acrítica de um conjunto de teorias que de certo modo racionalizavam aquela situação, que diziam ser assim a ordem cultural funcionava, era assim que a ideologia distribuía seus papéis e funções” (WILLIAMS, S.d, p. 1).

Em seus aspectos mais gerais, este trabalho, isto é, os estudos culturais, permaneceu como uma espécie de análise intelectual que queria mudar os desenvolvimentos reais da sociedade, mas então, dentro da instituição (Universidade), havia todo o tempo pressões de outras disciplinas, de outros departamentos e competitividade alegando a necessidade de definir sua institucionalização, justificar sua importância, demonstrar seu rigor; e essas ideias que se mostram opostas à proposição original — deixar que se discorresse livremente as discussões culturais.

Sá (2011) infere que “nas últimas décadas, percebemos que as principais correntes do pensamento nas ciências humanas estão marcadas pela dispersão teórica, com o desmoronamento da teoria predominante na década de 1970 — marxista, feminista e estruturalista — e o fim da rebeldia dos radicalismos políticos nos anos 1980.”

Assim, os Estudos Culturais, desde os anos 1990, parecem ter se afastado do momento marxiano inicial, presente nas obras de R. Williams, E. P. Thompson e Stuart Hall. Aos poucos, então, as categorias como culturalismo, estruturalismo, pós-estruturalismo e pós-modernismo têm limitado as práticas pedagógicas e o campo da pesquisa dos Estudos Culturais nos mais diversos

Departamentos das Universidades de todo o mundo. Ainda assim talvez os Estudos Culturais sejam a última versão do tradicional projeto vanguardista de transpor as barreiras entre arte e sociedade, mas esse projeto passa por um processo de institucionalização (EAGLETON, 2006).

No debate atual sobre as possibilidades e perspectivas dos Estudos Culturais, a obra de Raymond Williams (1921-1988) reafirma a atualidade do diálogo entre a história e os Estudos Culturais, a partir da tradição britânica de crítica cultural materialista, que articula a produção artística às condições materiais da sociedade.

Neste sentido, ao mesmo tempo em que transita entre a crítica e a produção literária, ele se preocupa com uma crítica cultural que analise e intervenha na realidade social. Desse modo, seu projeto intelectual proporciona uma leitura instigante da “crise da cultura contemporânea”. Desde os anos 1940, havia a percepção de que o estudo sobre a cultura possibilitava entender o funcionamento da sociedade numa perspectiva crítica, visando transformá-la.

Portanto, a discussão teórica sobre a cultura “não pode se isentar do mais rigoroso exame de sua própria situação e das formações sociais e históricas em que se insere, ou de uma análise conjunta de suas premissas, proposições, métodos e resultados” (WILLIAMS, 2005, p. 163). Enfim, o importante é estudar as práticas e produtos culturais sem perder de vista os condicionamentos históricos existentes, fugindo, assim, da leitura do texto em si, próxima de um formalismo que rejeita, aprioristicamente, a história. A ideia de que “não existe leitura neutra ou inocente da cultura” talvez seja uma das principais vitórias da teoria cultural, capitaneada por R. Williams.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modelo romântico estabelecido pela aristocracia inglesa ditou o comportamento de toda uma sociedade — especificamente o das mulheres — num certo recorte de tempo. Este viés domesticador enclausurou por gerações este grupo calando a sua voz e as condenando à morte — física ou simbólica — quando estas ousassem desafiar a voz patriarcal da fidalguia.

Para se estabelecer este modelo, como visto, sorrateiramente após a perda da influência de contenção das massas da religião, a literatura romântica inglesa passou a atuar como mecanismo de formação para o público leitor. Esta formação, contudo, era também alienante já que a leitura é algo essencialmente solitário tirando do povo qualquer desejo de revolução ou revolta, além de lhes mostrar que poderiam ter acesso ao patrimônio imaterial da burguesia — desejo de muitos da classe pobre.

Eagleton em seus estudos sobre o romantismo inglês infere que este caráter didático e propagandístico, tal qual todos os demais neste contexto e finalidade são direcionados a um público específico carregando as ideias e costumes de uma classe dominante. Em vias opostas ao que o romantismo inglês do século XVIII/XIX entrega, William, oriundo das classes pobres, entrega estudos nos quais estes subalternos podem falar e serem ouvidos. Os Estudos Culturais encabeçados por ele trazem à tona outros pontos de vista e contextualizam o sujeito que outrora não era notado, democratizando a cultura.

REFERÊNCIAS

COSTA, Marisa Vorraber. Poder, discurso e política cultural: contribuições dos Estudos Culturais ao campo do currículo. In: *Cultura, memória e currículo*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 133-149.

EAGLETON, Terry. The rise of english. In: *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1997/2006. 88p.

GUALDA, L. C. *Representações do Feminino em Dom Casmurro e The Turn of the Screw*. Dissertação de Mestrado. Assis: Unesp, 2007.

GUALDA, Linda Catarina. *Literatura e cinema: representações do feminino em Washington Square, Daisy Miller e The Europeans / Linda Catarina Gualda*. Assis, 2011.

JAMES, H. *A outra volta do parafuso seguido de Daisy Miller*. Trad. Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM Ed., 2008. 192p.

MILLNER, Andrew. Cultural Materialism, Culturalism and Post- Culturalism: The Legacy of Raymond Williams. In: *Theory, Culture & Society*. London, Thousand Oaks and New Delhi: SAGE, vol. 11 (1994), p. 43-73.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. História e Estudos Culturais: O Materialismo Cultural de Raymond Williams. *Ponta de Lança*, Sergipe, ano 4, v. 8, n. 4, p. 37-44, 1 abr. 2011.

SANTOS, Gisele Moreira. *Austen 3.0: Adaptação e Transmídiação na austenmania contemporânea*. Dissertação, Salvador, 2019.

STEVENS, Cristina. A operária no romance inglês e estadunidense do século XIX. *Cerrados: revista do programa de Pós-Graduação em Literatura*. Brasília, 2002.

SWEENEY, Christine A. *Gendered Glances: the male gaze(s) in Victorian English Literature*. Tese, Washington, 2009.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. *Construções do feminino no romance inglês do século XVIII*. EdUFMT, S.d, 1995.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. *Dez lições sobre o romance inglês no século XVIII*. São Paulo: Boitempo, 2002. 165p.

WATT, Ian. *A ascensão do romance*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WILLIAMS, Raymond. *Culture and Materialism*. London/New York: Verso, 2005.